

Eros e Psique

Apuleio

Fragmentos

Apuleio, escritor romano do mito Eros e Psique, faz uma narrativa que certamente não tem o simples objetivo de contar uma história. Seu texto se mostra passível de diversas interpretações, pois é repleto de simbologias. Em outras palavras, tal texto se apresenta como um interessante revelador dos aspectos subjetivos próprios dos sentimentos humanos; enfim, da relação significativa entre o corpo e a alma humana.

Psique é admirada como uma deusa, provocando, desse modo, ciúmes em Vênus. Esta última, por sua vez, procura seu filho Cupido - possuidor de certas flechas para as quais não havia proteção possível - para enfeitiçar Psique. O Cupido, ao olhar para Psique, não resiste a seus encantos e se apaixona por ela.

Fragmento: “Diziam até que nem Vênus (Afrodite) se podia comparar a esta jovem. Enquanto o número sempre crescente de curiosos se adensava para venerar todo o seu encanto e beleza, ninguém mais se lembrava da Deusa do Amor e da Beleza.”

“Recorre aos teus poderes - sugeriu ela -, de modo que essa petulante se apaixone irremediavelmente pelo ser mais vil e mais desprezível.”

“A deusa andava demasiado absorvida pela raiva do ciúme e, por isso, nunca pensou que aquela beleza incomparável pudesse não ser indiferente até mesmo ao próprio deus do Amor.”

Comentário:

Existe uma aproximação da deusa Vênus, e dos deuses gregos, em geral, com os homens. Isso é bem observável pelo fato de essa deusa sentir inveja e raiva, sentimentos inerentes aos homens, e pela maneira como sua beleza é retratada no texto, aproximando-a ainda mais dos aspectos humanos.

Vênus é a deusa do amor e da beleza. Suas principais características são a vaidade e a fertilidade, porém esta é associada apenas ao desejo físico, pela necessidade de procriação. Ela se opõe à representação de Psique, que estabelece a relação da alma no relacionamento do amor com o corpo.

Fragmento:

“Este, quando a viu, sentiu-se como se tivesse transferido uma das suas flechas direitinha ao coração.”

Comentário:

Apesar de Cupido ter a função de enfeitiçar as pessoas, acabou-se apaixonando com o encanto de Psique. O deus do Amor mostrou-se suscetível às paixões assim como os homens.

É importante perceber que Cupido não se resume, simplesmente, às dimensões corporais. Suas flechas dirigem-se ao coração, sede do amor puro, garantindo um envolvimento psíquico do ser abordado. Ele representa a paixão arrebatadora, o amor personificado. Como o encanto não foi lançado da forma que Vênus previu...

Fragmento:

“Psique não se apaixonou por nenhum ser horrendo e miserável; não se apaixonou por ninguém. E, mais estranho ainda, ninguém se enamorou dela.”

Comentário:

Os homens, apesar de a admirarem, casavam-se com outras mulheres. Isso preocupava o pai, pois tinha a responsabilidade de casar a filha, que mesmo tão bela não tinha

pretendentes, só admiradores. Será que isto tem a ver com o feitiço de Cupido? Será que ele, de alguma forma, destinou seu casamento com Psique?

Depois de seu pai consultar o oráculo de Apólo, Psique mostrou coragem ao receber a notícia de que seria abandonada na montanha, onde uma serpente alada, que seria seu marido, iria buscá-la. Estando lá, sentiu-se desamparada, triste.

Fragmento:

“... enquanto chorava, trêmula, uma doce brisa chegou até ela, envolta no silêncio, um suave sopro de Zéfiro, o vento mais delicado e brando.”

“Sentiu-se transportada, flutuando nos ares.”

Comentário:

Zéfiro foi o responsável pelo amparo de Psique, que tem como significado etimológico o sopro ou o princípio vital, personificação da alma, do mundo interior. Nesta passagem, é como se mostrasse a sua leveza e limpidez. Ao descer com Zéfiro, adormeceu. Acordando, deparou-se com uma mansão.

Fragmento:

“... em cuja margem se erguia uma majestosa mansão, que parecia ter sido construída para ser habitada por um deus - pilares de ouro, paredes de prata ...”

Comentário:

Percebe-se a comparação da grandiosidade da mansão para habitar alguém também grandioso por sua beleza, uma “deusa” puramente humana.

Psique conhece seu marido, que não era nada daquilo que pensava, porém não pode vê-lo. Este fato desencadeia nela uma curiosidade que é apoiada pelas irmãs. Estas conspiram para que Psique tente vê-lo, descobrindo assim a sua verdadeira face. Porém, ela fica indecisa, questionando-se sobre o que fazer. Assim, tenta enxergá-lo com uma

lâmpada, enquanto ele estava dormindo. Ao perceber a situação o marido some, deixando-a sozinha.

Fragmento:

“Deixaram-na, então, dilacerada pela dúvida e sem saber o que fazer (...) e assim se manteve durante todo o dia, o espírito dilacerando-se em pensamentos contraditórios”

“Não há amor onde não há confiança.”

Comentário:

Seria ele um monstro? No despertar deste questionamento, mesmo amando-o, Psique representa a razão, o aprofundamento do conhecimento.

O verdadeiro amor é rico em compreensão, companheirismo e confiança. Um bom relacionamento tem a sintonia entre o corpo e a alma. Isso era o que Cupido procurava: o desejo de que Psique o amasse, verdadeiramente, mesmo sem conhecer a sua face.

Psique sofre, arrepende-se e decide, então, recuperar o seu amado. Enquanto isso, Vênus descobre que foi enganada.

Fragmento:

“... iria ao encontro de Vênus e oferecer-se-ia humildemente como serva, tentando, assim, aplacar a sua ira.”

Comentário:

Psique percebeu que realmente amava Cupido. Ela foi capaz de submeter-se aos castigos de uma deusa para conseguir o perdão de seu amado, assim como muitas pessoas apaixonadas doam a própria vida para estarem próximas de quem amam.

Vênus, ao perceber que poderia concretizar o seu desejo de destruir a vida de Psique, o fez, passando tarefas praticamente impossíveis.

Fragmento

“- Vou mostrar-te, por isso, a minha boa vontade, treinando-te nesse gênero de exercícios... Ao pronunciar estas palavras, pegou numa enorme quantidade de sementes de trigo, papoula, de milho miúdo e outras e misturou-as todas num montão. – Tens de apresentar tudo devidamente separado, ao cair da tarde! – ordenou”

“... comoveu as pequenas formigas, esses minúsculos seres dos campos, sempre tão atarefados.”

Comentário

Psique tem de aprender a discriminar, separar. Precisa, para essa tarefa, calma, paciência e determinação. Um trabalho manual pode, nessas horas de desespero e aflição, ser o calmante organizador no mundo concreto.

Esse, como em outros trechos do texto, é mostrado como o arrependimento puro e verdadeiro de Psique, provindo do fundo da alma, sendo capaz de comover até a natureza. No exemplo acima, as formigas a representam, mostrando certa devoção.

Fragmento

“Lá em baixo, junto à margem do rio, onde o mato é mais denso, há ovelhas com tostões de ouro. Quero que me tragas um bocado dessa lã brilhante”

Comentário

Atirar-se a essa tarefa sem pensar teria sido o fim de Psique, pois as ferozes ovelhas representavam a agressividade contida, primitiva e inconsciente que escondem sob seus pêlos. Porém Psique tem que entrar em contato com esse aspecto da agressividade instintiva, sem, contudo, dilacerar ou ser dilacerada por ela. Assim, a cana verde da margem do rio avisa para que deixe o sol se pôr, que então as ovelhas estariam mais calmas e apaziguadas e deixariam naturalmente flocos enroscados nos galhos.

A cana verde representa um modo masculino, fálico, mas ao mesmo tempo feminino e flexível de lidar com a agressividade.

Fragmento:

“Estás a ver as águas negras que caem daquele monte? É a nascente do terrível rio que tem o nome odioso de Estige. Deves encher este frasco com aquela água”

Comentário

Zeus, divindade que tudo vê, representado pela águia, recolhe uma taça dessa preciosa água da vida. A falta de cautela e precipitação faz com que aconteçam desastres irreparáveis. A ânsia pela vida pode levar-nos à morte.

Fragmento

“... embora todas as tarefas de que era encarregada parecessem impossíveis de pôr em prática, surgia sempre uma saída excelente para as duras provas...”

Comentário:

Ao conseguir cumprir todas as tarefas propostas, Psique transcende os limites impostos aos mortais e abre possibilidades que antes eram impedidas a estes.

Então Vênus, depois de ver Psique passar por todas as tarefas, designa a mais difícil.

Fragmento:

“Encarregou Psique de ir ao mundo subterrâneo pedir a Prosérpina que lhe enchesse uma caixa com requisitos de beleza (...) As instruções foram-lhe transmitidas escrupulosamente por uma torre por onde lhe serviu de guia (...)”

Comentário

Psique compreendeu que nada mais restava, que só a morte a esperava nessa missão sem volta. Foi então novamente de encontro à morte, indo jogar-se do alto de uma torre. Todavia, a torre a orienta como entrar e sair viva dessa última tarefa.

Ela dá as instruções a Psique, através da clarividência e da receptividade com que se propõe. Psique cumpre à risca todas as recomendações.

Psique, novamente através da curiosidade, abre a caixa de Vênus.

Fragmento :

“... mas para o seu grande desapontamento, não viu nada lá dentro; parecia absolutamente vazia.”

Comentário:

Psique sairia vitoriosa, não fosse seu lado humano e mortal. Ela se perde, então, pela vaidade e abre a caixa da poção da beleza imortal, que é a própria morte. Psique precisa morrer para aprender algo do submundo. O que eterniza e imortaliza a beleza é a morte, pois a vida traz inexoravelmente o envelhecimento e retira a beleza externa.

Nada acontece por acaso, tudo possui um significado que servirá de ensinamento para algum desafio na vida. Nada é vazio, e apesar de muitas vezes não percebermos de início, tudo traz alguma lição.

Com o adormecer de Psique, Cupido entra em ação.

Fragmento:

“Foi o próprio Deus do Amor que, então, entrou também em ação, pois nessa altura já se encontrava curado e estava cheio de saudades de Psique. É difícil ter o amor aprisionado. Vênus fechara a porta à chave, mas havia janelas... Tudo que cupido tinha a fazer era voar e procurar a amada.”

Comentário:

Psique cai no sono da morte e isso mobiliza Eros, que vem cumprir, no final, o seu papel de herói. O que o faz sair da passividade regressiva do reino materno de Vênus é a consciência de perder para sempre Psique. O fracasso de Psique é, ao mesmo tempo, a sua redenção, uma vez que a fragilidade da mulher amada mobiliza o crescimento do homem.

Depois de mandar Psique levar a caixa para Vênus, Cupido procura Júpiter para auxiliá-lo no seu casamento.

Fragmento:

“Reuniu, então, uma assembléia magna dos deuses e anunciou-lhes, inclusive a Vênus, que Cupido e Psique iam casar-se com todo o cerimonial, e propunha que se concedesse à noiva o dom da imortalidade”

Comentário:

Esse trecho mostra a conquista de um lugar no Olimpo pelos mortais, o que foi feito pela “Psique” apaixonada, e não por uma figura masculina divinizada. Esse fato demonstra a conquista da mulher humana, perante a perfeição do amor. Essa imortalidade não é conseguida por mérito humano, mas pela dádiva, ou graça divina dos deuses.

Fragmento:

“Assim tudo terminou de modo excepcionalmente feliz. O Amor e a Alma (pois é este o significado da palavra psique) tinham se procurado e, depois de muitas provações, acabaram por se encontrar - essa união nunca seria quebrada”

Comentário:

Cupido é o impulso de desejo que nos dinamiza por dentro, tocando nosso ser (a erótica humana). Psique é o movimento de reflexão, razão que, interagindo com os impulsos, gera em nós maior maturidade (a psique humana). O encontro entre desejo e verdade,

emoção e razão, impulso e decisão representam os movimentos íntimos de nosso ser que se relacionam com Cupido e Psique.

Referências Bibliográficas:

BRANDÃO, Junito de Souza. Mitologia Grega. Ed: Vozes. 8ª Edição, 1997.

TORGA, Miguel . O Silenciar de Eros e Psique, em Mago e Madalena. Comentarista: Regina Michelli (UERJ).

<http://www.madhava.for.br>

<http://www.mundus.psc.br>

<http://planeta.terra.com.br>

<http://webnews.frb.br>

<http://www.lsi.usp.br/art/pessoa>

<http://www.sca.org.br/poemas/pfp3.htm>

Glossário

“A lenda de Eros e Psique é, na realidade, a história da evolução e do amadurecimento dos sentimentos, e a capacidade do indivíduo se relacionar com outra pessoa. Essa é uma aventura específica que gira em torno do tema central do coração.” [1]

Dicionário dos símbolos da mitologia greco-romana abordados no Mito Eros e Psique

Quando os romanos entraram em contato com a civilização grega, no século III a.C., tomaram para seus deuses características dos deuses gregos a tal ponto que ficou difícil diferenciar os habitantes do Olimpo dos protetores da Urbs, Roma. Poucos foram os aspectos puramente latinos que permaneceram. Pode-se empregar um nome latino a uma correspondente divindade grega, embora a origem, a simbologia e a própria lenda mítica não sejam totalmente idênticas.

Mitologia – A palavra mitologia designa dois conceitos: conjuntos de mitos e lendas que um povo imaginou e o estudo destes. A palavra vem do grego: mythos, significando fábula; e logos, tratado. A mitologia é a história da criação do mundo, do homem e de múltiplos eventos cuja memória cronológica se perdeu, mas que se preservaram na memória “mítica”. Os primeiros mitos brotaram da projeção imaginativa que o homem faz das máximas funções da vida: nascimento, amor, morte, maternidade, paternidade, virgindade, etc.

Amor - Cupido - Entre os romanos é o deus do Amor. O Cupido, bem mais que o Eros grego, personifica a paixão arrebatadora. Eros é o amor personificado. Em grego, Eros significa “desejar ardentemente”. É filho de Afrodite e Ares, representado por uma criança travessa ocupada em flechar os corações para torná-los apaixonados.

Oráculo – Palavra de múltiplo sentido, indicando, fundamentalmente, a resposta da divindade a uma consulta formulada. Designava os santuários a que acorriam os devotos para suas consultas. A busca do Oráculo significava uma prova de submissão do mortal aos desígnios divinos. Conhecendo a vontade dos deuses o homem tomava as suas decisões em função dela.

Apolo - Filho de Júpiter e Latona. Alto, bonito, majestoso, deus da música e da poesia. Seu arco e suas flechas são comparados ao sol e seus raios. Apesar de sua grande beleza, não conseguiu encontrar-se em nenhuma das suas múltiplas relações amorosas. Permaneceu solteiro, apesar dos inúmeros filhos que deixou. É representado sempre como um jovem formoso e geralmente nu; quando assume a atribuição específica de deus das artes, aparece vestido com uma longa túnica. Apolo é o futuro detentor do Oráculo de Delfos.

Hades - Plutão – Em grego, “o rico”. Representava a abundância de bens, as riquezas inesgotáveis da terra, sua produção vegetal e mineral.

Herdou o reino dos mortos, localizado “no seio das trevas brumosas”. O deus era tão temido que não o nomeavam por medo de contraírem a cólera. Sensível, introvertido, violento e inflexível, comanda o mundo dos mortos como um “Zeus subterrâneo”.

Perséfone - Prosérpina – Como divindade agrícola, figura ao lado de Ceres, da qual se distingue pelos traços mais jovens. Sua estada nos “infernos” corresponde ao inverno; sua volta representa a primavera. É celebrada juntamente com a mãe nos mistérios de Elêusis.

Zeus - Júpiter – Filho de Saturno e Cibele, Júpiter era representado com traços de homem maduro, robusto, de semblante grave e majestoso, coroado por folhas de carvalho. Seus atributos são o raio, o cetro e a águia. Zeus é o deus “do céu e da luz”. É também o deus da fertilidade. Trata-se de uma divindade dos fenômenos atmosféricos, dos quais depende a fecundidade da terra.

Referências Bibliográficas:

BRANDÃO, Junito. Mitologia Grega. Volume II. 6a ed, Editora Vozes Ltda, 1992.

CIVITA, Victor. Dicionário de Mitologia Greco-Romana. Ed. Abril Cultural, São Paulo, 1973.

CONSTRUCCI, Valéria S.S. Eros e Psique: In: Revista Hermes n.05 www.mundus.psc.br/erospsique.htm Acesso em: 01/09/2002.

MENEZES, Adélia Bezerra de. Verdade e Imaginação: ou uma releitura de Eros e Psique, de Fernando Pessoa. In: www.geocities.com/athens/forum/1608/releit.htm acesso em: 01/09/2002.

RIBEIRO JR, Wilson A. Mitologia Grega: lendas diversas. In: <warj. med.br/mit/mit11-11.asp> acesso em: 03/09/2002.

SHARMAN-BURKE, J.; GREENE, L. O Tarô Mitológico. Trad. Anna Maria Dalle Luche. Edições Siciliano, 6ª edição, 1990.

[1] SHARMAN-BURKE, J.; GREENE, L. O Tarô Mitológico. Trad. Anna Maria Dalle Luche. Edições Siciliano, 6ª edição, 1990.

Meio

Origens Literárias de Eros e Psique - das fontes gregas a Apuleio.

Ao procurarmos as origens literárias do mito Eros e Psique, comumente deparamo-nos com o nome de um autor: Apuleio. Embora se saiba que a origem literária dos mitos romanos em geral remete à Grécia e que vários autores latinos anteriores a Apuleio já os tinham reproduzido, por algum motivo Apuleio tornou-se referência direta ao mito de Eros e Psique. Nenhuma das bibliografias pesquisadas cita outro autor para este mito, especificamente.

Lucius Apuleio viveu entre os anos de 125 a 170 durante o período imperial de Otávio Augusto, no Império Romano, e é considerado uma referência entre os autores clássicos latinos. Nascido em Madaura, na Numíbia (atual Argélia), foi uma notável figura da literatura, da retórica e da filosofia platônica de sua época. Foi educado em Cartago e Atenas. Viajou pelo Mediterrâneo estudando ritos de iniciação e cultos. Profundo conhecedor de autores gregos e latinos, ensinou retórica em Roma. Sua obra mais conhecida é O Asno de Ouro, uma narrativa em prosa, em 11 livros, a que inicialmente chamou Metamorfoses. Narrava as aventuras do jovem Lúcio, que é transformado por

magia em asno e só recupera a forma humana por intermédio da deusa egípcia Ísis. O mito de Eros e Psique é um dos episódios mais destacados desta obra e narra uma alegórica união mística entre Amor e Alma.

“Há certamente algo comovente no final de O Asno de Ouro, a sua gravidade e pureza. Contudo, seu estilo está de tal modo salpicado de flores, as cadências são tão delicadas e artificiais, e, inclusivamente, a sua fonte de pureza e de luz contrasta de forma tão estranha com o resto do livro, que apenas emerge a sombra tênue da deusa Ísis e fica na sombra aquele culto aparentemente forçado.”[2]

Porém, apesar de o mito Eros e Psique ser atribuído a ele de modo especial, sabe-se que a grande maioria dos mitos romanos tem origem grega. E como tais mitos teriam chegado a Apuleio, visto que a Grécia foi dominada pelo Império Romano ainda no século II a.C.? Nada se fala sobre Eros e Psique especificamente, mas sobre as fontes literárias dos mitos como um todo.

Quase todo o universo mítico dos gregos passou através da posterioridade por diversas fontes. Uma delas é a tradição oral, recolhida por autores que percorreram a Grécia coletando lendas e crenças do povo. As fontes eruditas também transportaram a mitologia grega através dos séculos, preservando a riqueza de suas concepções. Em grande número, a obra destes autores compreende tratados técnicos consagrados aos mitos ou comentários de obras literárias destinados a esclarecer pontos obscuros. O primeiro dos eruditos conhecidos é Hecateu de Mileto, historiador do século IV a.C. Ele concebia a mitologia como parte da história, reunindo, assim, tradições literárias relativas à origem de famílias e cidades. Escreveu quatro livros de Genealogias, dos quais restam apenas fragmentos. No século V a.C., o historiador Helânico elaborou uma cronologia dos reis de Atenas, mesclando mito e história.

Com a conquista da Grécia por Alexandre Magno, a cultura grega foi preservada graças ao importante trabalho de reunião e classificação dos mitos, realizado por mitógrafos macedônicos. Após conquistarem a Grécia, no século II a.C., as legiões romanas

difundiram a cultura grega por várias regiões, estendendo-a a povos que não conheciam os mitos helênicos. Os mitógrafos latinos são menos numerosos; em sua maioria, apenas imitaram os gregos.

Um autor romano que influenciou Apuleio de diversas maneiras, inclusive na maneira de escrever, foi Ovídio, que escreveu suas obras também baseando-se na mitologia grega. Seu nome completo era Públio Ovídio Naso, nasceu em 43 a.C., em Sulmona, na Itália. Viveu durante a primeira fase do Império Romano, no principado de Augusto, num período conhecido como paz romana, e ocupou algumas funções menores no governo romano, abandonando-as, porém, para escrever poesia. Tornou-se conhecido por seus poemas de amor espirituosos e sofisticados. O poema “A Arte de Amar” foi escrito em estilo satírico e bem-humorado. Considerava as “Metamorfoses” sua maior obra. Era um poema narrativo que incluía mais de duzentas histórias tiradas de lendas e mitos do mundo antigo (muitas delas envolviam metamorfoses pessoa-animal). Essa obra serve como uma vasta fonte de consulta para folclores e mitos antigos. Em 8 d.C., o imperador Augusto baniu-o para uma cidade isolada no Mar Negro, por alguma razão até hoje obscura para os estudiosos. Aparentemente ofendera o imperador com seus poemas. Acabou morrendo no exílio por volta de 18 d.C.

Segundo Paulo Miranda Gomes, “a literatura romana teve três períodos: Período Arcaico, Período Clássico e Período Imperial”.^[3] Apesar da divergência de datas, Gomes inclui Ovídio no período Clássico, e não no Imperial, por sua aproximação literária com o estilo grego.

Segundo Helene Hamilton, escritora portuguesa que traduziu o mito para o português, Apuleio escreveu Eros e Psique à maneira de Ovídio. Mas o que isso significa? Em outras palavras,

O que Apuleio tem de Ovídio?

A primeira característica, e talvez a mais forte, é o nome de sua principal obra: Metamorfoses. Profundo conhecedor de autores gregos e latinos, Apuleio apropria-se do

nome e de informações das Metamorfoses de Ovídio para compor sua obra. Assim como nas Metamorfoses de Ovídio, onde pessoas são transformadas em animais, na obra de Apuleio o personagem principal, Lúcio, é transformado num burro por magia. Quem intervém para que Lúcio obtenha novamente a forma humana é a deusa egípcia Ísis. O uso de divindades egípcias não é casual, visto que a religião egípcia adorava deuses antropozoomorfos. E esta dualidade homem-animal é uma das principais características das obras de Apuleio e do próprio Ovídio.

Ovídio tinha um estilo literário satírico e bem-humorado. Em Cupido (Eros) e Psique, de Apuleio, percebe-se essa mesma veia satírica, sobretudo por parecer que conta a história despreocupadamente, distraíndo-se com o mito, sem necessariamente acreditar no que escreve. Essa irreverência literária aproxima-o novamente de Ovídio, que de tão irreverente foi exilado de Roma, pois seus poemas possivelmente ofenderam o imperador. Isso reforça a idéia de Ovídio ter servido de fonte de consulta de Apuleio no que consiste em informações sobre mitologia. Embora Eros e Psique seja remetido a Apuleio, segundo Thomas Bulfinch, a maior parte dos mitos narrados na sua obra O Livro de Ouro da Mitologia[4] provém das Metamorfoses de Ovídio.

Embora não se saiba ao certo a origem primária do mito Eros e Psique, sabe-se que possivelmente é grega e que tenha passado de geração em geração até chegar a Apuleio. Evidentemente a versão grega do mito é desconhecida, visto que Roma incorporou e expandiu a cultura grega ao dominar a Grécia. O que chegou até nós é a versão latina do texto Cupido e Psique, não menos rica e exuberante.

Referências Bibliográficas:

GRÉCIA: berço do Ocidente. Coleção Grandes Impérios e Civilizações - volume II, Edições Del Prado -1996. p.212

GOMES, Paulo Miranda. História Geral. Livraria Lê, Belo Horizonte, 1976.

BULFINCH, Thomas. O Livro de Ouro da Mitologia: História de deuses e heróis; Trad. David Jardim Júnior – 18ª ed. – Ediouro Publicações, Rio de Janeiro, 2001.

[2]GRÉCIA: berço do Ocidente. Coleção Grandes Impérios e Civilizações - volume II, Edições Del Prado -1996. p.212.

[3] GOMES, Paulo Miranda. História Geral. Livraria Lê, Belo Horizonte, 1976.

[4] BULFINCH, Thomas. O Livro de Ouro da Mitologia: História de deuses e heróis; trad. David Jardim Júnior – 18ª ed. – Ediouro Publicações, Rio de Janeiro, 2001.

Mito X Religião

O Mito e a Religião - Gênese e Eros e Psique, uma comparação.

Tem-se assinalado, com freqüência, a presença do contexto religioso no mito. No texto Eros e Psique isso se mostra de forma muito clara, através dos maniqueísmos. As duas irmãs de Psique corresponderiam às serpentes; o castelo onde vivia com o seu amante, ao paraíso. Por sua vez, a traição de Psique provocaria a sua "expulsão do Éden".

Entre as preocupações comuns à mitologia e à religião encontram-se não só a origem dos deuses (Teogonias), do mundo (Cosmogonias) e do homem, como também a justificação dos preceitos morais, tabus, pecado e redenção. Esse contexto religioso também pode ser notado nas tarefas destinadas por Vênus à Psique. Só depois de passar por todas elas é que ganharia de volta o seu grande amor e, por fim, a felicidade. É a idéia de penitência para que pudesse redimir-se do pecado.

A maioria das religiões monoteístas repudia o mito, considerando-o manifesto de ateísmo ou politeísmo. Todavia, essas mesmas religiões recorrem a descrições fantásticas (de caráter simbólico) com o objetivo de explicar a origem do mundo e do pecado, entre outros. Isso se encontra presente de forma clara no texto do Gênesis, nos capítulos 2, " A

formação do homem", e 3, " A queda do homem", quando o fantástico é utilizado na criação de uma justificativa para o poder divino e para a importância e submissão do homem perante Deus.

No mito de Eros e Psique os deuses são humanizados. Afrodite, deusa da Beleza, demonstra ser invejosa, vingativa e, por vezes, até preguiçosa. É possível encontrar reações e sentimentos humanos também no Deus monoteísta, presente na obra do Gênesis. A conclusão que se pode tirar de tal comparação é a de que, sob o aspecto da linguagem, a religião e o mito mais se aproximam do que se distanciam entre si. A linguagem mítica é não somente apropriada, como também utilizada em textos religiosos. Ambos traduzem, em linguagem plástica, a realidade que transcende o senso comum da racionalidade humana, que não cabe em meros conceitos analíticos.

As abordagens propostas pelo mito e pela religião são, ao mesmo tempo, paralelas e transcendentais. São incluídas no mito atitudes religiosas, sociais e históricas para explicar determinados aspectos da realidade, geralmente de forma inapreensível à razão.

“Sua coerência depende muito mais da unidade de sentimento que de regras lógicas”[5].

Isto caracterizaria uma linguagem mais primitiva. Já a religião é dotada de mensagens mais concretas e geralmente nascida da revelação divina. É teoricamente mais acessível à razão. O mito e a religião diferem muito mais no tipo de mensagem que transmitem do que na sua forma. Enquanto a mensagem religiosa exige determinado comportamento perante Deus, sendo formulada com conceitos racionais e doutrinas esquematizadas, o mito abrange maior amplitude de mensagens, formuladas de modo menos consciente e deliberado, mais espontâneo e sem considerações críticas.

Há passagens do mito de Eros e Psique as quais lembram alguns trechos do mito do Gênesis. Numa análise mais concisa do Gênesis em relação ao mito Eros e Psique, nota-se uma mesma linhagem, na qual a mulher é um ser determinante. Psique é caracterizada

como um ser emotivo que tende a racionalizar para descobrir a real face do seu amado. Enquanto que Eva racionalmente seguiu a sua emoção aliada ao seu instinto.

Como no Gênesis, onde Eva vivia no Jardim do Éden, “o paraíso”, Psique passou a viver em um habitat divinal, podendo também ser comparado ao paraíso:

“Quando (Psique) acordou, encontrava-se junto de um alegre riacho, em cuja margem se erguia uma majestosa mansão, que parecia ter sido construída para ser habitada por um deus – pilares de ouro, paredes de prata e assoalhos com incrustações de pedras preciosas.”

A serpente vista no Gênesis como sorrateira e invejosa e apresentada em Eros e Psique como as irmãs de Psique:

“Elas (as irmãs de Psique) lá foram de boa vontade, mas os corações eram brasas de ciúmes. Toda a fortuna pessoal e felicidade de que desfrutavam lhes pareciam insignificantes, comparadas com as de Psique; e de tal maneira se viram roídas de raiva e de inveja que acabaram por planejar uma trama que arruinasse a irmã.”

“A serpente era o mais astuto de todos os animais dos campos que o SENHOR Deus tinha formado. Ela disse à mulher: É verdade que Deus vos proibiu comer do fruto de toda árvore do jardim?” (Gn 3,1)

“Oh não! – tornou a serpente – vós não morrereis”. (Gn3, 4)

“Mas Deus bem sabe que, no dia em que dele comeres, vossos olhos se abrirão, e sereis como deuses, conhecedores do bem e do mal.” (Gn3, 5)[6]

A curiosidade foi tida como o principal fator para que Psique não confiasse nos conselhos de Eros, assim como levou Eva a desobedecer à ordem de Deus:

“Quando a noite caiu, no entanto, já desistira da luta – estava terminantemente resolvida a fazer pelo menos uma coisa: vê-lo” (...) “Psique não descansava enquanto não visse qual o dom da beleza que vinha dentro da caixa...”

“A mulher, vendo que o fruto da árvore era bom para comer, de agradável aspecto e mui apropriado para abrir a inteligência, tomou dele, comeu e o apresentou também ao marido, que comeu igualmente” (Gn3, 6)[7]

Após o pecado ter sido cometido, Eva e Adão foram amaldiçoados e expulsos do “paraíso”. Psique pagou a duras penas, pela sua beleza e pela adoração dos homens por ela. Isso moveu a vingança divina:

“Quando Psique chegou à presença de Vênus, esta riu-se à gargalhada e perguntou sarcasticamente se andava à procura de marido... Mas, realmente – disse, és uma rapariga tão vulgar e desfavorecida que não conseguirás nunca arranjar alguém que te queira, a não ser em troca de serviços árduos e difíceis! ... Vou mostrar-te, por isso, a minha boa vontade, treinando-te nesse gênero de exercícios.”

“Disse também a mulher: Multiplicarei os sofrimentos de teu parto; darás a luz com dores, teus desejos te impelirão para o teu marido e tu estarás sobre o seu domínio”. (Gn3, 16) E disse em seguida ao homem: "Porque ouviste a voz de tua mulher e comeste do fruto da árvore que eu te havia proibido comer, maldita seja a terra por tua causa. Tirarás dela com trabalhos penosos o teu sustento por todos os dias de tua vida.” (Gn3, 17)[8]

Eros foi “expulso” pela traição de Psique, enquanto que Eva e Adão foram expulsos por Deus do “paraíso” devido a terem aprendido sobre o bem e o mal:

“Ao ver a luz, deduziu a deslealdade da esposa e, sem uma palavra, desapareceu.”

“O Senhor Deus expulsou-o do Jardim do Éden, para que ele cultivasse a terra donde tinha sido tirado, por isso o lançou para fora do Jardim do Éden, a fim de lavrar a terra de que fora tomado.” (Gn3, 23)[9]

Entretanto, há uma diferença entre esses mitos que deve ser observada: Eros voltou a avisar a Psique de que não deveria ser persuadida por ninguém no sentido de vê-lo, sob pena de se separar dele para sempre. Já no Gênesis, o Senhor Deus deu ao homem uma ordem: de toda árvore do Jardim ele comeria livremente, mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não, porque no dia em que dela comesse certamente morreria.

Assim, na história de Eros e Psique há o livre arbítrio. Eros é flexível, cede aos desejos da esposa. O Senhor Deus é autoritário, vingativo. Vênus também é vingativa.

Tanto Psique quanto Eva romperam com uma ética pré-estabelecida. Infringiram regras impostas por divindades: Eva desobedeceu a Deus ao comer do fruto proibido e Psique traiu a confiança de Eros ao olhá-lo. Portanto, a curiosidade mostra-se um pecado por ser a causadora de transtornos nos dois mitos. Contudo, é justamente a curiosidade que mobiliza o homem em busca do conhecimento. Sem ela a Ciência jamais teria avançado.

Referências Bibliográficas

ELIADE, Mircea. Mito e realidade. São Paulo: Editora Perspectiva. Coleção Debates. Direção J. Guinsberg, 2000.

GRIMAL, Pierre. Dicionário da Mitologia Grega e Romana. Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 2000. 616p.

JOHNSON, Robert A. We: A Chave da Psicologia do Amor Romântico. São Paulo: Editora Mercury LTDA, 1991.

ABBAGNAMO, Nicola. Dicionário de Filosofia. Tradução Alfredo Bosi. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MENEZES, Jose Euclimar Xavier de . Fábrica de deuses. A teoria freudiana da cultura. São Paulo: Unimarco Editora, 2000.

CAMPBELL, Joseph. O poder do Mito. São Paulo: Palas Athena, 1990. pp.211, 212.

Deuses Gregos : Mitologia Grega, 4 de junho de 1999.

Disp.<http://www.geocities.com/Athenas/Styx/7920/> Acesso em: 1 set. 2002

Bíblia Sagrada: Tradução dos originais: mediante a versão dos Monges de Maredsous (Bélgica) pelo Centro Bíblico Católico. 91 ed. São Paulo: editora AVE- MARIA Ltda, 1994.Cap.3.p.51

CASSIER, Ernest. Antropologia Filosófica. São Paulo, Mestre Jou, 134- 136.

[5] CASSIER, Ernest. Antropologia Filosófica. São Paulo, Mestre Jou, 134- 136.

[6] Bíblia Sagrada: tradução dos originais: mediante a versão dos Monges de Maredsous (Bélgica) pelo Centro Bíblico Católico. 91 ed. São Paulo: editora AVE- MARIA Ltda, 1994.Cap.3.p.51.

[7] Idem 2.

[8] Idem 2.

[9] Idem 2.

Problema

Como poderíamos relatar este mito se ele fosse idealizado para os dias atuais? Como anda a busca de Psique pela sua alma e pelo prazer? O que representa o prazer nos dias de hoje para a mulher?

O contexto histórico atual parece apoiar-se no imediatismo do prazer e do consumir. Pode-se exemplificar este fato na cultura brasileira, em que há uma erotização cada vez mais precoce: a criança parte em busca de realização dos seus desejos, da sua sexualidade, que irá explodir com todo o seu potencial na adolescência. Então, o Eros atual fatalmente encontra a sua Psique, e o início da paixão (como todo relacionamento) é

cheio de desejos e prazeres. Mas numa realidade socioeconômica tão árdua como a nossa, que há de ser das personagens quando a sombra da dúvida (ou monotonia da relação) atingir os apaixonados? O que será de Psique?

Segundo Junito Brandão[10] , na sua interpretação do mito, o casamento de Psique era “... uma não-existência, um estar-no-escuro... algo assim que poderia ser caracterizado por uma situação em que ela está sendo devorada por um monstro”. Eis aí o monstro, que, com o passar do tempo, ronda os relacionamentos. O que acontece então? Quantas são as faces de Psique na mulher de hoje?

Uma delas é a da mulher que continua a não enxergar, pois romper com a sombra do seu casamento significa evocar dores e buscas, sendo melhor entregar-se a um casamento que já não existe, ou simplesmente invisível. Contudo, um número cada vez maior de mulheres parte em busca de seu espaço no mercado de trabalho, e a nossa heroína precisa purgar por todas as tarefas, quase impossíveis, impostas por Afrodite (a sociedade) para reencontrar o seu Eros (ou objetivo), que muitas vezes consiste no sustento de uma família numerosa (filhos, netos, pais dependentes, etc.) ou na sua realização profissional.

Assim, a sua sexualidade (a sua erotização) deverá ser transformada, segundo Freud, em energia de produção para a sociedade, levando a nossa Psique a uma vida social muitas vezes aceitável, mas carregada de frustrações. Para esta face da heroína, tal qual previu o Oráculo, Eros é realmente a serpente devoradora da sua libido.

Mas existe também a Psique que parte em busca da complementação da sua psique (“na Psicanálise, a psique está pelo conjunto de consciente e inconsciente”[11]), com a sua realização não só pessoal, como também sexual, quer seja no mesmo relacionamento, quer seja em uma nova busca, já amadurecida pelos trabalhos de Afrodite, e, para esta heroína, há uma excelente definição de Junito Brandão: “a esposa de Eros, sem dúvida, está muito longe de ser apenas a menina gentil e simples”. [12]

Referências Bibliográficas:

BRANDÃO, Junito de Souza. Mitologia Grega. Petrópolis, Rio de Janeiro, Ed. Vozes, v. II, p.220 a 251.

Dicionário de Psicologia. Prof^o Dr. Fiedrich DORSCH (Dorsch Psychologisches Worterbuch), traduzido por Emmanuel Carneiro Leão e equipe. Petrópolis, Rio de Janeiro, Ed. Vozes.

www.frb.br/ciente/ciente.htm

[10] BRANDÃO, Junito de Souza. Mitologia Grega. Petrópolis, Rio de Janeiro, Ed. Vozes, v. II, p.228.

[11] Dicionário de Psicologia. Prof^o Dr. Fiedrich DORSCH, pág. 791.

[12] BRANDÃO, Junito de Souza. Mitologia Grega. v. II, p.228.